



FUTEBOL DE MULHERES: CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRODUÇÃO DE FUTEBOLISTAS NO INTERIOR DO RIO GRANDE DO SUL.

LAYLA BUENO RAMIRES¹; BRUNA ESCOBAR DA SILVA²; LUIZ CARLOS RIGO³

¹Universidade Federal de Pelotas – laylaabueno@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – bruuna.escobarhotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – rigooperini@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Entre 1941 e 1979 vigorou no Brasil o decreto-lei n. 3199 que proibia a prática do “futebol de mulheres” (GOELLNER, 2005; CASTELLANI, 1988; RIGO, L. et al, 2008). Esta proibição ajudou na constituição de preconceitos e também na desqualificação do futebol feminino brasileiro de parte de federações e de clubes, ao longo do século XX. Entretanto, principalmente a partir do século XXI é possível identificarmos um movimento de reinvenção desse futebol, (ALMEIDA, 2018; RIAL, 2013). Nesse sentido, esta pesquisa teve como objetivo principal analisar e problematizar os dilemas enfrentados pelas futebolistas mulheres do interior do Rio Grande do Sul, no decorrer de seus processos de formação e profissionalização.

2. METODOLOGIA

O corpus empírico da pesquisa foi constituído por cinco depoimentos orais (entrevistas semiestruturadas), três futebolsitas e dois treinadores de equipes de mulheres. Mais especificamente duas futebolistas do E.C. Pelotas Phoenix, que estavam em transição para a liga Universitária dos Estados Unidos, uma futebolista do Grêmio futebol de sete; uma entrevista com o treinador do E.C. Pelotas Phoenix e uma com o treinador da equipe João Emílio da cidade de Candiota. Além desse material coletado para a pesquisa também se realizou uma busca atenta nas 39 entrevistas de futebolistas e ou ex-futebolsitas arquivadas e disponíveis no Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (<http://www.ufrgs.br/ceme/site/entrevistas>). A leitura dessas entrevistas, foi realizada com o objetivo de ampliar as informações sobre os temas tratados na pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do material empírico nos trouxe evidências de que o futebol de mulheres brasileiro encontra-se em um estágio de aceitação, diferente do que existia no decorrer do século XX (TEIXEIRA e CAMINHA, 2013). Atualmente convivemos com menos discursos machistas e menos preconceitos perante o futebol de mulheres. Todavia, pouco se avançou nas possibilidades de formação de futebolsitas e na profissionalização desse esporte, grande parte das futebolistas mantém atividades remuneradas concomitantes ao futebol. “*Eu acho que falta mais é apoio para as meninas que tão jogando, por exemplo a questão financeira, porque tem muitas*



meninas que trabalham e jogam, isso aconteceu comigo ano passado, eu estava trabalhando, jogando e estudando, fazendo as duas faculdades [...]” (ENTREVISTADA, C). As federações e maioria dos clubes continuam relegando o futebol de mulheres a um lugar periférico (ALMEIDA, 2018; KESSLER, 2016; RIAL, 2013). Também se encontrou evidências de que tanto no Rio Grande do Sul como no Brasil o futebol de mulheres ainda não se constituiu em um esporte capaz de forjar pertencimentos clubistas em larga escala, em parte isso explica a dificuldade que ele encontra para levar torcedores aos estádios. “[...] *é praticamente só os familiares e os amigos das jogadoras que vão assistir nossos jogos*”. (ENTREVISTADA, A e B).

4. CONCLUSÕES

Os dados da pesquisa assinalam que apesar de nos últimos anos haver uma maior aceitação do futebol de mulheres, no Brasil, e também na maioria dos outros países, ele ainda carece de uma política de investimento de médio e longo prazo.

A pesquisa realizada também assinalou que, conforme ressaltado pelos nossos cinco entrevistados, apesar dos avanços que ocorreram nos últimos anos, no Brasil são ainda raras as oportunidades que as futebolistas encontram para se profissionalizarem. Em cidades do interior, como é o caso de Pelotas e outras cidades da região, as possibilidades de profissionalização e também de uma formação a partir de um apoio clubístico são quase sempre exceções ou casos isolados, conforme relataram as três futebolsitas e os dois treinadores que entrevistamos. Essa situação tem levando a um êxodo crescente de futebolistas das cidades do Interior (Pelotas, Rio Grande, etc.) para a capital e as vezes, quando surgem oportunidades, para a Europa, para os Estados Unidos e para China.

Por fim cabe destacar também que o fato do futebol de mulheres ainda não ter produzido uma cultura de torcedores, de indivíduos que se identificam e torcem por determinados clubes pelas equipes de futebol de mulheres que esses clubes mantêm, contribuir para que o futebol de mulher tenha uma maior dificuldade para conquistar um lugar de maior visibilidade no campo midiático, principalmente se comparado com o lugar que ocupa o futebol de homens.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- TRIVIÑOS, Augusto. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. ALTMANN
CASTELLANI FILHO, L. Educação física no Brasil: a história que não se conta. Campinas: Papirus, 1988.
TEIXEIRA, F; L; S.; CAMINHA, I. DE O. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. Movimento, Porto Alegre, v. 19, n. 01. p. 265-287, jan/mar de 2013.
GOELLNER, S. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. Revista Brasileira de Educação Física e Esportes, v. 19, n. 2, p. 143-151, abr./jun. 2005
RIGO, L. et al. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. Revista Brasileira Ciência do Esporte, v. 29, n. 3, maio 2008.



RIAL, C. El invisible (y victorioso) fútbol practicado por mujeres en Brasil. Nueva Sociedad. n. 248 p. 114-126. Novembro – Dezembro, 2013. Disponível: <http://nuso.org/articulo/el-invisible-y-victorioso-futbol-practicado-por-mujeres-en-brasil/>

KESSLER, C. S. (Org.). Mulheres na área: gênero, diversidade e inserção no futebol. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2016.

ALMEIDA, C.S. De. Do sonho ao possível: projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Antropologia social, 2018.